

Visualidades do intangível: têxteis tecidos nas memórias

Visualidades de lo intangible: tejidos textiles en memorias

The image of the intangible: textiles fabric in memories

*CÁSSIA CRISTINA DOMINGUEZ SANTANA*¹

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2640-9480>

*SORAYA APARECIDA ALVARES COPPOLA*²

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8285-4274>

Resumo

Entre têxtil e memória figuram conotações simbólicas contadas nas entrelinhas da história e cultura de um povo. Técnicas e saberes tradicionais são passados de geração em geração e se perpetuam no tempo firmando identidades e fortalecendo histórias. O uso do têxtil não se restringe à moda, adentra as artes, o artesanato e design e constrói sua própria história. Assim, o presente artigo aborda a criação de tecidos artesanais em tear de pregos e elementos têxteis desenvolvidos com técnicas e saberes tradicionais inspirados na cultura nordestina, histórias e memórias pessoais e familiares e sustentabilidade. Os têxteis foram utilizados como suporte artístico para desenvolvimento de artefatos têxteis. O processo de criação dos têxteis apresenta um resgate de raízes por meio de uma poética artística que valoriza a cultura de um povo e ressignifica memórias coletivas e pessoais tramadas a partir de fios e retalhos.

¹ Mestranda em Artes Visuais do Programa Associado em Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco (PPGAV/UFPB/UFPE). Bacharel em Design de Moda pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFGM). dominguez.cassia@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/1695851434973120>

² Doutora e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFGM). Graduação em Belas Artes pela UFGM. Professora do Curso de Design de Moda da EBA/UFGM. Líder do Grupo de Pesquisa “STUDIOLO” (UFGM) e membro do CIETA/Lyon. socoppola@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/5163162229554146>

Palavras-chave: tecidos artesanais; memórias; arte têxtil; técnicas; saberes tradicionais.

Resumen

Entre el tejido y la memoria hay connotaciones simbólicas contadas entre las líneas de la historia y la cultura de un pueblo. Las técnicas y los conocimientos tradicionales se transmiten de generación en generación y se perpetúan en el tiempo, estableciendo identidades y fortaleciendo historias. El uso de los textiles no se limita a la moda, entra en las artes, la artesanía y el diseño y así construye su propia historia. Así, este artículo aborda la creación de tejidos artesanales en telar de uñas y elementos textiles desarrollados con técnicas y conocimientos tradicionales inspirados en la cultura nororiental, historias y recuerdos personales y familiares y la sostenibilidad. Los textiles se utilizaron como soporte artístico para el desarrollo de artefactos textiles. El proceso de creación textil presenta un rescate de raíces a través de una poética artística que valora la cultura de un pueblo y replantea las memorias colectivas y personales tejidas a partir de hilos y retazos.

Palabras clave: telas hechas a mano; memoria; arte textil; técnicas; conocimientos tradicionales.

Abstract

Between textile and memory there are symbolic connotations between the lines of history and culture. Traditional techniques and knowledge are passed from generation to generation and are perpetuated over time, establishing identities and strengthening stories. The use of textiles is not restricted to fashion, it also includes arts, crafts and design, while builds its own history. Thus, this article addresses the creation of handcrafted fabrics in a nail loom and textile elements developed with techniques and traditional knowledge inspired by northeastern culture, stories, sustainability and personal and family memories. Textiles were used as artistic support for the development of textile artifacts. The textile creation process presents a rescue of roots through an artistic poetics that values the culture of a population and reframes collective and personal memories woven from threads and scraps.

Keywords: handmade fabrics; memories; textile art; traditional techniques; knowledge.

Introdução

O trabalho com têxteis artesanais evoca um passado repleto de memórias que parte de saberes tradicionais transmitidos por gerações. O presente artigo aborda a prática de construção de tecidos e elementos têxteis manuais que dão suporte a produtos sustentáveis. Esse fazer manual dialoga com arte têxtil, design, artesanato, memória, moda e cultura. A inspiração para o projeto parte de saberes tradicionais, da cultura têxtil artesanal da região Nordeste do Brasil e de memórias pessoais e familiares vivenciadas com o universo têxtil. Assim, com um breve panorama contextual, são apresentadas histórias e memórias que inspiram o processo criativo no desenvolvimento de tecidos, rendas, macramês e bordados.

As memórias foram resgatadas por meio da utilização de técnicas tradicionais arraigadas na cultura nordestina, uso de retalhos de tecido de algodão e chita, com tecelagem manual em tear de pregos, que carregam identidade e valor cultural e a técnica sustentável de *upcycling*, que fornece nova significação a têxteis já sem uso. Cada peça têxtil resgatada e reaproveitada está repleta de histórias e memórias que podem ser ressignificadas.

Os tecidos e elementos artesanais dão suporte para uma coleção de bolsas, que remetem à cultura nordestina, com formatos, cores e texturas variadas. Todos os resíduos de tecidos, barbantes e linhas foram coletados e aproveitados para a construção de um novo tecido utilizado na criação de acessórios têxteis.

Dessa forma, entre tear, agulhas, fios e tecidos apresento o entrelaçamento de memórias coletivas, memórias culturais e pessoais inseridas no processo de criação de tecidos artesanais com características assimiladas da cultura, histórias de outros e ressignificações pessoais. Assim como o tecido necessita do ato de tecer para existir, as histórias de vida se constituem a partir memórias experienciadas, narradas e compartilhadas. Por meio da tecitura manual novas memórias e entrelaçamentos são constituídos com simbologias e significados expressos em narrativas visuais.

Interface: arte têxtil, artesanato, cultura e memória

Dentre as diversas formas de expressão artística e de suas variadas técnicas e materiais utilizados para dar forma à arte, tem-se o suporte artístico trabalhado com fibras têxteis e tecidos – arte têxtil. De acordo com Rita (2016, p. 17-18), arte têxtil é “toda a obra que se integra num território criativo dilatado situado em torno da fenomenologia têxtil através de diversos mecanismos, que vão desde os conceituais aos materiais”. Essa expressão artística tem ganhado mais visibilidade na arte contemporânea através de esculturas têxteis, tapeçaria, pinturas e bordados em tecidos, tecelagem, arte têxtil tridimensional, construção tridimensional de vestuário e tecidos trabalhados juntamente a outros materiais e técnicas variadas.

O percurso da arte têxtil contemporânea não é diferente daquele que é seguido pelas artes plásticas em geral. A permeabilidade à inovação, possibilitada pelas novas matérias industriais e pelas tecnologias atuais, a par da abertura dos canais de informação e de comunicação multiculturais, facilitaram a sua manifestação com plena criatividade, desenvolvendo por vezes transferências complexas entre o têxtil utilitário, seja ele doméstico, científico ou simbólico, e a obra de arte. (RITA, 2016, p. 17)

Rubbo (2013), explica que a arte contemporânea possibilitou o trabalho com novos materiais, novas técnicas, práticas e estilos, e o tecido, que originalmente estava associado ao vestuário através de séculos, ganhou uma nova função estética e cultural para a arte. Assim, os têxteis adentraram com um novo contexto nas artes visuais e já não são utilizados apenas como suporte para pinturas (telas), mas como materiais possíveis para criação de objetos, esculturas e instalações, representando a poética de um artista. É a materialidade do têxtil que permite sua inserção em diversos espaços criativos.

Artistas têxteis se destacam, ao redor do mundo, com suas obras desenvolvidas a partir de entrelaçamentos com o elemento têxtil. A artista peruana Ana Teresa Barbosa trabalha com a arte têxtil tridimensional; a americana Sheila Hicks e o escultor americano Nick Cave desenvolvem esculturas têxteis e a artista russa Yulia Ustinova cria esculturas em crochê. As técnicas são variadas e tomam contornos diversos, seja na tapeçaria, escultura, pintura com linhas, bordados, tecelagem, entre outros, a arte têxtil proporciona uma vasta riqueza de cores, formas e texturas.

Entre artistas têxteis brasileiros figuram nomes como Norberto Nicola

(1930 - 2007), com expressão artística em tapeçarias; Zoravia Bettiol, com o trabalho com esculturas têxteis e tapeçaria; Leonilson Bezerra Dias (1957 - 1993) com obras bordadas; Edith Derdyk que usa o material têxtil para desenvolver sua poética artística; Leda Catunda, com trabalho em colagem e costura; o artista plástico brasileiro Ernesto Neto que trabalha com a arte têxtil escultural; o artista curitibano Alex Rocca que trabalha com a tapeçaria, dentre tantos outros artistas que utilizam tecidos e fibras têxteis em suas criações.

A arte têxtil contempla características marcantes das culturas por meio do fazer manual, da artesanaria têxtil, tecelagem manual, trabalho com rendas, macramês, bordados, dentre outros. Estes fazeres estão aportados nas memórias culturais. As obras criadas em suporte e matéria têxtil, em grande parte, são trabalhadas manualmente, com ferramentas e técnicas artesanais. De acordo com Mário de Andrade:

[...] nos processos de movimentar o material, a arte se confunde quase inteiramente com o artesanato. Pelo menos naquilo que se aprende. Afirmemos, sem discutir por enquanto, que todo o artista tem de ser ao mesmo tempo artesão. Isso parece incontestável e, na realidade, perscrutamos a existência de qualquer grande pintor, escultor, desenhista ou músico, encontramos sempre por detrás do artista, o artesão. [...] O artesanato é uma parte da técnica da arte [...]. (ANDRADE, 1938, p.11)

Seguindo a linha de pensamento de Andrade (1938), todo artista é um artesão. Dessa forma, podemos considerar que os têxteis artesanais, bordados e rendas apresentam elementos visuais artísticos que entrelaçam significados de uma cultura, da matéria, do fazer manual, do ato de tecer, carregados de simbologias visuais ancoradas na memória individual ou coletiva que atravessa o tempo para contar histórias de um povo.

Seja na arte, artesanato ou design, é notório que o processo de criação artística está intrinsecamente ligado ao contexto que o criador está inserido. Esse processo trabalha com a percepção, a imaginação, memória, criação e expressão do artista. A criação nasce a partir de experiências vividas. O artista, dentro do seu processo criativo, tem o poder de captar histórias, revisitar memórias e reorganizá-las de acordo com seu imaginário poético. Logo, cultura e memória têm influência inquestionável no desenvolver artístico. Cole (2006, p. 7) afirma que “Os procedimentos criativos estão também ligados ao momento histórico, a aspectos sociais, culturais e tecnológicos em que o artista se insere. Podem ser manipulados e criados”.

Neste contexto se concentra o estudo, em que detalho o meu processo criativo, adentro em experiências, vivências e memórias para projetar e construir tecidos e elementos têxteis a partir de saberes e técnicas artesanais trabalhados com a tecelagem manual e o tecido de chita (atrelado à cultura nordestina). Assim, os têxteis narram a minha poética imersa na cultura têxtil nordestina e ressignifica a memória individual e cultural, aportadas na Bahia, corroborando com as considerações do sociólogo Maurice Halbwachs (1990), que a memória de um indivíduo tem apoio na memória de outros.

Saberes tradicionais: tecelagem e a chita na memória do Nordeste.

A tecelagem artesanal está presente na região Nordeste e é perpetuada por gerações fortalecendo a memória de um povo. No Piauí, as tecelãs manipulam diversas técnicas para construção de redes, tapetes, bolsas e colchas. São peças coloridas e estampadas feitas com fibras naturais, produzidas em tecelagem de grade e de parede, tecidas manualmente. Em Barrocas, na Bahia, a tecelagem possui uma forte influência indígena, que se torna evidente no uso do tear vertical – tipo de grade de madeira onde a tecelã executa seu trabalho e cria vários padrões geométricos que remetem à natureza. Os desenhos se assemelham aos desenhos presentes nos trançados marchetados das populações indígenas. O resultado é um tecido encorpado e colorido e os desenhos são responsáveis pela textura. (ARTESOL, 2018).

Artesol (2018) explica que em Alagoas, no município de Delmiro Golveia, por um tempo acreditou-se que a vocação da tecelagem manual estivesse extinta, porém um grupo de mulheres retomou a tradição artesanal da tecelagem manual que tinham aprendido com suas mães e avós e participam da Tecelagem Descanso do Rei onde trocam e compartilham seus saberes, potencialidades e possibilidades. Já em Pedro II, município de Piauí, a tecelagem artesanal ganha destaque com colchas de cama, redes, jogos americanos, mochilas, sacolas de viagem e estojos de viagem feitos em tecidos criados em teares de grade e de parede, onde a técnica é passada de geração a geração. No povoado de Malhada Grande em Paulo Afonso, na Bahia, a ACAMG, Associação Comunitária de Artesanato de Malhada Grande, produz tecidos confeccionados em teares manuais com a utilização de fibras de algodão tingidas ou em cor natural, preservando e valorizando sua história e riquezas culturais.

Em grande parte deste fazer manual, a tecelagem, são utilizadas as fibras têxteis do algodão. Nesta pesquisa, para a prática do tecer, utilizou-se retalhos

de tecido e barbantes em algodão. São tecidos com ligamentos em tafetá ou sarja como, o algodão cru, o denim (jeans) e a chita. A fibra do algodão, muito utilizada em urdiduras, é mais resistente e sem elasticidade, o que facilita o processo de tecelagem manual mantendo a tensão necessária, além de garantir maior durabilidade ao produto.

Essa fibra vegetal dá origem ao tecido de chita, tecido de algodão estampado originário do Oriente, Índia medieval, que chegou ao Brasil por Vasco da Gama em 1498 e hoje faz parte da memória e identidade cultural brasileira. O tecido popular e barato que vestia a classe trabalhadora, camponeses e escravos, aos poucos ganhou destaque (PEZZOLO, 2009, p. 25-60). O presente estudo trabalhou com a chita em sua expressão mais marcante, as cores tropicais, que representam o Brasil em sua vasta riqueza nativa e cultural. As cores vibrantes foram inseridas nos têxteis, não apenas através do uso da chita, mas também através dos bordados coloridos que complementaram todo o projeto de desenvolvimento têxtil.

A abrangência atual da chita no que diz respeito tanto às suas mais diversificadas utilizações, bem como geográfica e economicamente falando, é exemplo de superação e sucesso e nos faz perceber a imensa riqueza das possibilidades que a natureza nos proporciona. Este tecido faz-nos compreender o quanto é importante a valorização da representação da nossa cultura, do nosso povo, do nosso país nos projetos de design. Apesar de ter vindo de outros mares, trazida pelos colonizadores, foi aqui que ela se encontrou, se transformou e hoje é considerada uma manifestação popular e um tecido totalmente brasileiro. (ROCHA; QUEIROZ, 2010, p. 10).

A tecelagem e o tecido de chita são memórias culturais vivas, perpetuadas por saberes tradicionais e pelo artesanato desenvolvidos dentro de culturas locais e regionais, que fortalecem histórias e identidades da região Nordeste do Brasil. Entre fios, linhas e tecidos, o fazer têxtil sobrevive ao tempo por meio de processos de criação ancestrais, processos que se firmam por meio da propagação de técnicas e fazeres de uma geração a outra. Esta propagação é apresentada aqui entre costuras de histórias, memórias e saberes tradicionais.

Tramas do meu tecer: histórias e memórias

Nasci e cresci na região cacaueira do Brasil, sul da Bahia. Vivi cercada por conexões artísticas e têxteis que me direcionaram para a graduação em Design de Moda e mestrado em Artes Visuais. Hoje, não apenas conectada, mas imersa em fazeres têxteis, anco-ro-me em memórias, evoco práticas e saberes tradicionais e

apoio-me na materialidade de tecidos, fios e linhas para construir visualidades têxteis que espelham minha identidade. Das histórias que ouvi e vivi, sigo aqui, a partir das histórias de minha bisavó e avó materna, relatadas por minha mãe.

Segundo Stelling (2003), a Bahia foi um dos estados mais industrializados do Brasil na segunda metade do século XIX e nas décadas iniciais do século XX. Nesse processo, entra a indústria têxtil e a agroindústria do açúcar como os segmentos de maior relevância da economia baiana. Uma das primeiras cidades baianas a receber, por volta de 1844, a indústria têxtil Todos os Santos – considerada a maior e mais importante fábrica de tecidos do século XIX –, foi a cidade de Valença, onde muitas outras indústrias têxteis se instalaram ao longo desse período de expansão.

Foi nesse contexto de mudanças econômicas e de expansão industrial do setor têxtil baiano que nasceu minha avó Alzira Dias (*in memoriam*), no dia 11 de fevereiro de 1914, na cidade de Valença, na Bahia. Uma cidade colonial do século XVIII que, por ser litorânea, tinha seu comércio baseado na pesca. Assim, Alzira cresceu nessa pacata cidade pesqueira que em meados do século XIX recebeu inúmeras pessoas atraídas pelas indústrias têxteis. Era a terceira filha, dos nove filhos do casal Argemira Teles e Cursino Francisco de Jesus.

Sua família era simples, sua mãe era dona de casa e o seu pai trabalhava com a pesca sendo o provedor da família. Apesar da boa educação dada pelos pais, Alzira não teve estudos e aprendeu a ler sozinha com a Bíblia, por esforço próprio. Por volta dos dezoito anos de idade, dona Alzira, como muitas jovens daquela época, começou a trabalhar em uma grande indústria têxtil, Companhia Valença Industrial (CVI) – a maior empresa têxtil de Valença na época – fundada em 1899 e que, segundo Stelling (2003), passou por vários proprietários e ainda opera no mercado nacional de tecidos de algodão. Seu trabalho na indústria consistia, basicamente, em manusear um tear industrial, o que mais tarde a levou à construção do seu próprio tear para fazer tecidos artesanais.

Alzira era bem ativa e dona de uma personalidade forte, porém tranquila e educada. Apesar da pouca condição financeira, gostava de se vestir com elegância. Depois de alguns anos trabalhando na fábrica têxtil mudou-se para Salvador e por lá conheceu o espanhol João Dias, com quem se casou em 1939. João trabalhava com vistoria e revisão em trens na ferrovia de Salvador, e Alzira passou a ser dona de casa e usava os saberes que recebera de sua mãe, dona Argemira, sobre ervas medicinais, conhecimentos culinários e fazeres manuais têxteis. Vovó era caprichosa, inteligente e curiosa, e aprendeu a costurar sozinha. Desmanchava

peças de roupas prontas para entender sua modelagem e reproduzir peças semelhantes. Depois de alguns anos morando em Salvador, mudou-se para Mata de São João, município que fica a 63 km de Salvador e hoje um atrativo turístico devido às belas praias de Costa do Sauípe. Teve nove filhos, três meninos e seis meninas (dois filhos morreram ainda com poucos meses de vida). Ela costurava para toda a família e fazia vestidos infantis com tecido de chita com detalhes em viés e sianinha para vender um pequeno comércio que montou na feira de armarinhos da cidade.

Na adolescência, Alzira aprendeu com a mãe algumas técnicas têxteis artesanais, de saberes tradicionais, feitas em tear de pregos e rendas de agulha, e depois de casada, criou seu próprio tear com os conhecimentos recebidos na indústria têxtil e vindos da sua mãe. Durante seu tempo livre produzia bicos de renda, de aproximadamente cinco centímetros de largura, feita com linha de crochê e agulha de tapeceiro (tipo renda turca) para colocar em peças de roupas como vestidos, camisas e camisolas.

Além das rendas ela produzia trabalhos em tear de pregos com barbantes, como centro de mesa, toalha de mesa e almofada. O trabalho em tear de pregos quadrado de 50 cm consistia em montar uma tela de barbante cru e com auxílio de agulhas fazer amarrações criando motivos de flores. Após retirar os quadrados tecidos eles podiam ser montados costurando uns aos outros, criando tecidos maiores. Com a ajuda dos filhos, Alzira construiu um tear de prego de dois metros de altura (urdidura) por um metro e oitenta de largura, com o objetivo de criar colchas e mantas.

Minha mãe, Cássia Dias, lembra-se de vovó produzindo e enrolando os bicos de renda turca em papelão para posteriormente utilizá-los nas peças de roupas. Ela recorda que, no trabalho feito sobre o tear quadrado de pregos, ajudava vovó na produção de peças, amarrando os fios da tela para criar os motivos florais. Recentemente, mamãe criou uma pequena amostra de tecido no tear de pregos, feito em barbante cru com amarrações – formando pequenos pompons – para mostrar um dos trabalhos que fazia junto com vovó Alzira (Figura 1).

Depois de 23 anos de casada, dona Alzira ficou viúva com alguns filhos ainda pequenos. Nessa época, para ajudar com as despesas, ela começou a receber encomendas maiores para costurar. Morou em outros estados, passando temporadas nas casas dos filhos, e depois de algum tempo retornou para a Bahia. Em 1981, com 67 anos, ela foi diagnosticada com esclerose e nesse período, já debilitada, deixou de exercer seu hobby com os têxteis. Faleceu no ano de 2001

com 87 anos.

Infelizmente não restaram peças de têxteis construídas pelas mãos de dona Alzira, porém fica a memória, a história e a herança do interesse pelos têxteis passadas para minha mãe, que desde muito pequena, observando sua mãe envolvida com as costuras, começou a se interessar, fazendo muitas roupas para as suas bonecas. Por algum tempo esse interesse ficou adormecido e quando teve as suas filhas – somos três irmãs – as lembranças vieram à tona e passou a costurar “vestidos de boneca” para nós. Ela costurava modelos de vestidos com babados, mangas franzidas com detalhes em fitas, sianinhas, laços e bicos de renda, e aplicação de bordados com pedrarias. À medida que crescíamos, as técnicas de mamãe mudavam para acompanhar este crescimento. Ela passou a criar, desenhar e costurar modelos variados para suas filhas até a adolescência. Após um período, no qual a máquina de costura ficou de lado, mamãe voltou às suas raízes confeccionando echarpes de tricô de agulhas.

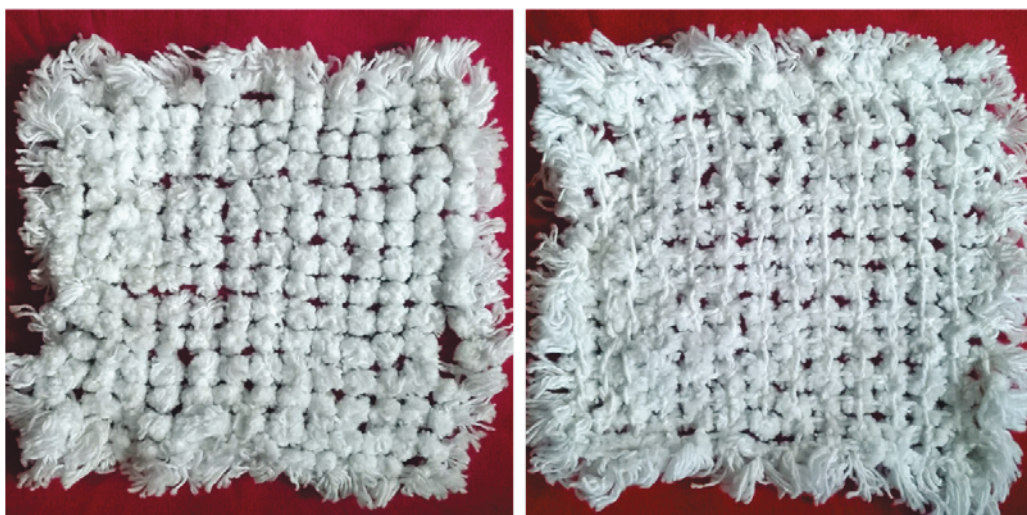


Figura 1 – Amostra de tecido feito com barbante cru em tear de pregos (direito e avesso).

Fonte: Arquivo pessoal.

Assim como aconteceu entre mamãe e vovó, eu também estava sempre a observar a aprender com dona Cássia, e com retalhos de tecido, linhas e fitas criava roupas para as bonecas. Com o passar dos anos, me aventurei no universo dos têxteis e iniciei na costura. Os processos de criação englobavam desenhos de moda, confecção de peças e bordados. Já no Curso de Design de Moda me interessei por tecidos trabalhados em tear manual e técnicas artesanais como macramê e renda Tenerife.

A trama em tear de pregos, a renda manual feita com agulha, os vestidos infantis feitos com a chita e seus detalhes em sianinha apresentados na história da dona Alzira e na costura da dona Cássia somam-se aos estudos e interesses que despertei sobre têxtil artesanal e cultura têxtil nordestina. Os saberes da vovó Alzira tornaram-se uma das fontes de inspiração para o desenvolvimento dos meus projetos, no envolvimento das questões sobre saberes tradicionais que são passados por gerações, a memória afetiva, o fazer artesanal de têxteis e a identidade cultural de um povo. São saberes que remetem a memórias familiares não vivenciadas, mas experienciadas juntamente com memórias culturais. Essas memórias, visualmente apresentadas nas referências imagéticas (figura 2 e figura 3), foram exploradas para a construção de tecidos manuais utilizados para uma coleção de bolsas artesanais que possuem uma carga cultural.

As inspirações movidas pela memória individual e coletiva, pela identidade cultural de um povo, especificamente a baiana, englobam a cultura e o artesanato ligado aos têxteis que vão desde o uso do tecido chita nas manifestações culturais do estado (festa junina e carnaval), na decoração de casas de fazenda e de resorts de luxo e do vestuário, como os trabalhos de artesãs, tecelãs e rendeiras que constroem histórias através de seus trabalhos manuais.



Figura 2 – Referências imagéticas. Fonte: Compilação da autora³.

³ Montagem a partir de imagens coletadas do site pinterest.com, em pastas sobre artesanato e cultura.



Figura 3 – Imagens referenciais de texturas e cores. Fonte: Compilação da autora ⁴.

Ressignificação de memórias: têxteis sustentáveis

Além de fundamentar-se em memórias, a pesquisa também se ateu na geração de resíduos, pois de acordo com a ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (2020), o Brasil é a maior cadeia têxtil completa do Ocidente compreendendo desde a produção das fibras, como plantação de algodão, fiações, tecelagens, beneficiadoras, confecções e forte varejo. Entretanto, é importante considerar que, quanto maior a produção têxtil, consequentemente, maior será a geração de resíduos têxteis.

Portanto, é necessário pensar estratégias que amenizem os problemas causados pelo setor de produção têxtil, que é um dos setores que mais geram impactos em todo o meio ambiente. Um conceito que vem ganhando espaço nesse setor é o *upcycling*, que segundo Lucietti *et al* (2018) é uma técnica sustentável que consiste no reaproveitamento de retalhos, sobras e peças que seriam descartadas para a construção de novas peças originais, sem gastar mais energia na reutilização do mesmo, diferente da reciclagem, visando a redução do desperdício de matérias primas. Essa redução pode também diminuir o consumo de energia, a poluição

⁴ Montagem a partir de imagens coletadas de arquivo pessoal e do site pinterest.com, em pastas sobre artesanato, moda, Bahia, arquitetura e cultura.

do ar e água, a produção de resíduos têxteis e pode contribuir para a valorização dos materiais já existentes. “É um processo de recuperação que transforma os resíduos desperdiçados em novos produtos ou materiais com superior qualidade e valor ambiental” (ANICET; BESSA; BROEGA, 2011, p. 3).

A prática de reaproveitamento de retalhos – não por questões de sustentabilidade, mas por questões econômicas – está presente desde o século XVI quando camponeses da Catalunha criavam mantas, hoje conhecidas como tapete de retalhos, com retalhos cortados de roupas e lençóis gastos, tecendo um novo produto. (BRAHIC, 1998)

No contexto da sustentabilidade, a pesquisa trabalhou com o reaproveitamento de retalhos visando o menor desperdício possível na construção de suas peças, unindo características do fazer artesanal, técnicas de sustentabilidade e características específicas dos tecidos de algodão e chita, como os detalhes desfiados. Esta técnica sustentável se conecta à memória de cada peça já sem uso e que pode ser ressignificada. Ao invés de ficar parada no closet ou ser descartada de forma incorreta, a peça, muitas vezes com significado afetivo, pode ser inserida novamente em projetos artísticos sustentáveis por seu reaproveitamento na construção de um novo tecido artesanal, contribuindo ricamente para dar um novo olhar sobre as memórias.

Para a pesquisa, aqui abordada, foram utilizadas peças de acervo pessoal como algumas calças jeans, uma saia jeans, sobras de tecidos de algodão cru utilizados para moulage e modelagem e sobras de tecidos de chita utilizados em outros projetos. Cada peça ou tecido evoca uma lembrança e essas recordações são tramadas para formar uma nova composição de história e memória.

Entre fazeres e memórias

Entre memórias individuais e coletivas, os fazeres e saberes ganham contornos por meio de tramas tecidas que transbordam histórias pessoais e de outros por meio de narrativas visuais. O tecer é um ato sensível de rememorar em que o indivíduo é elevado por meio dos sentidos a um universo entre real e imaginário que afeta as emoções. As cores, texturas e formas ganham visualidades para além do real. Pelos olhos da memória o belo torna-se mais belo, a saudade mais forte, as dores mais suaves, as formas ganham mais volume, as cores vibram como em um espectro sonoro, a alegria explode entre risos e lágrimas. Tecer é um processo de ressignificação pessoal com a revisão de lugares até mesmo esquecidos. Tecer é construir histórias por meio de memórias.

Nos têxteis, aqui tramados, a urdidura - base firme trabalhada com barbantes

de algodão - apresenta as minhas raízes, minha identidade cultural costurada no Nordeste do Brasil, enraizada na Bahia. Entrelaço retalhos e tramo o têxtil com fios de memórias por entre as urdiduras. Essas tramas narram a minha história, a história de outros, histórias nossas. Entre essas tramas tem sonhos vividos, sonhos sonhados. Um emaranhado de cores e texturas que ganham características únicas, que contam os amores, as dores e as alegrias, que afogam mágoas e suscitam esperanças.

O processo criativo deste projeto teve início com experimentos têxteis em tear de pregos, tear circular, entre agulhas de crochê, tricô e bordado. Assim, foram explorados métodos, combinação de texturas e formas e as possibilidades de tramas com entrelaçamentos dos materiais em espessuras e cores variadas. Os tecidos foram desenvolvidos para dar suporte a uma coleção de bolsas artesanais, Cores de Chita, composta por dozes peças que narram visualidades da memória com características artísticas pessoais e valor cultural.

Além disso, o trabalho sustentável com a técnica de upcycling, trabalhado com a utilização de retalhos, sobras e peças de tecidos sem uso (jeans, chita e algodão cru) de acervo pessoal, resgatou memórias importantes atreladas a outros processos, pessoas e memórias afetivas, devido as peças e retalhos possuírem uma memória pessoal simbolizada pela história que cada têxtil evoca. Esses retalhos ganharam novo significado a partir das tramas inseridas na urdidura que se constituíram em um têxtil totalmente diferente da sua matéria-prima (os retalhos), mas com memórias costuradas entre si figurando um novo recomeço. (Figura 4).



Figura 4 – Processo de construção têxtil no tear de pregos. Fonte: Arquivo pessoal.

Cada pedacinho têxtil utilizado carrega histórias e usos. São retalhos de roupas que já usei e sobras de tecidos que já trabalhei. O uso dos retalhos de tecidos de algodão e chita segue além das minhas memórias. O algodão e a chita se entrelaçam na história do Nordeste. Está presente nas recordações de muitas famílias. Nas minhas lembranças a chita adentra a decoração de fazendas, peças de moda, trabalhos de arte e projetos diversos.

Os têxteis artesanais finalizados se apresentam mais espessos, alguns mais estruturados que outros, a depender da forma que foram trabalhados no tear. Por vezes as tramas foram retorcidas, trançadas e impressadas umas às outras, ou trabalhadas com maior delicadeza, sendo adicionadas de forma a manterem-se sem dobras. (Figura 5)

Os resíduos têxteis e de aviamentos (barbantes, fios, linhas e cordões), gerados neste processo, foram coletados e a partir deles foi desenvolvido um novo tecido utilizado para a construção de portas-moeda confeccionados para cada uma das bolsas. O têxtil de resíduos foi construído com uma técnica de sobreposição de camadas - resíduos entre o tecido de algodão, sobreposto por uma tela de filó - fixados pela costura em máquina. Aqui, novamente entram as memórias do fazer tradicional e cultural por meio do *quilting*, uma técnica artesanal utilizada para costurar camadas de tecido, que neste caso costurou memórias adquiridas durante o desenvolvimento do processo aqui explanado. (Figura 6)

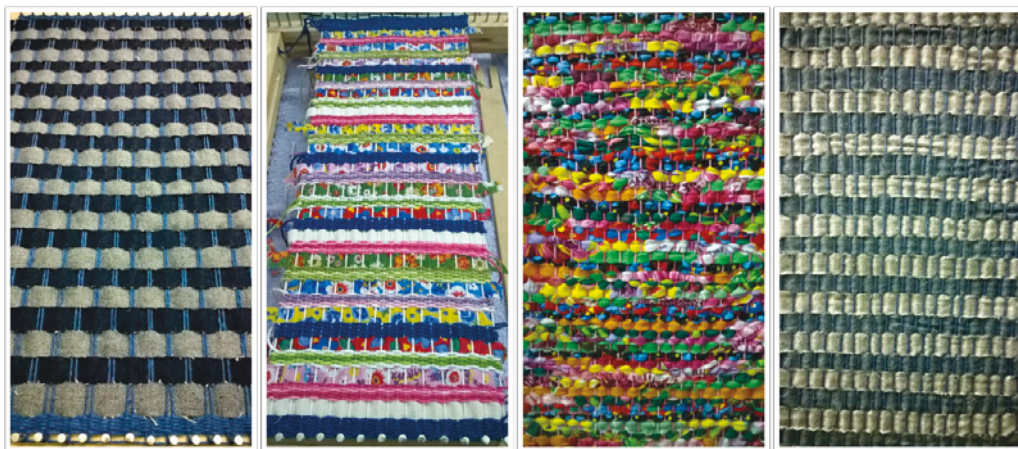


Figura 5 – Alguns tecidos artesanais finalizados. Fonte: Arquivo pessoal.

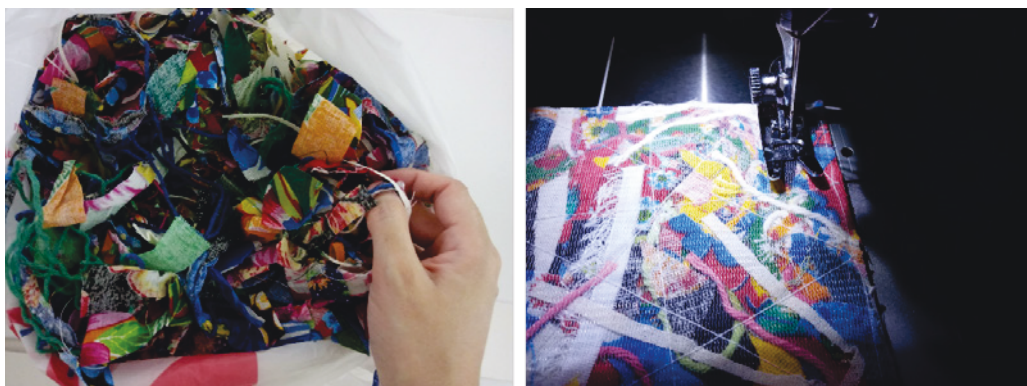


Figura 6 - Resíduos coletados e criação de novo tecido. Fonte: Arquivo pessoal.

Para o forro das peças foram escolhidos os tecidos de algodão cru e chita, trabalhados com apliques e bordados feitos na máquina de costura, em que foram recortadas flores e folhas do tecido de chita e aplicadas no tecido de algodão cru, proporcionando um bordado único para cada forro de bolsa, um tecido de algodão ressignificado. (Figura 7)

Com teares, agulhas e máquinas, retalhos, fios e linhas apresento têxteis, tecituras de mim com texturas tão diversas. Por meio da escuta do outro e do sentir o “eu” enredei memórias em rendas Tenerife e enlacei os macramês falados com nós frouxos, ora apertados. São elementos têxteis entranhados no fazer manual brasileiro. Tanto a renda Tenerife ou *nhanduti* e o macramê são fazeres vindos de outros países, mas que se perpetuaram em terras brasileiras.

A renda Tenerife leva o nome do local em que provavelmente se originou, Tenerife, a maior das ilhas Canárias na Espanha. De modo afetivo, essa técnica carrega uma relação pessoal simbólica a partir da figura do meu avô materno, o espanhol João Dias, nascido em Salamanca. A renda me encantou pelo fazer entre linhas e agulhas trabalhadas em suporte próprio para a técnica ou improvisado com suporte de alfinetes. Já o macramê, considerado um tipo de tecelagem manual, é trabalhado apenas com as mãos e fios têxteis. Existem muitas versões para sua origem, mas de acordo com Pontiens (2019) o macramê possivelmente teve origem com os tecelões turcos e no Brasil chegou com os colonizadores portugueses. Esta técnica encanta pelo trabalho delicado com nós variados em fios e barbantes.



Figura 7 - Tecido interno. Algodão cru bordado com retalhos de chita recortados.
Fonte: Arquivo pessoal.

Para o projeto, estas técnicas foram exploradas para elaboração de elementos têxteis que incrementaram as peças por meio da aplicação de pingentes (figura 8) e bordados trabalhados sobre a renda Tenerife. Os bordados, além das aplicações de pedrarias na renda e do forro das bolsas bordados na máquina, compõem o design de superfície dos têxteis com aplicações de cordões artesanais, fios de pedrarias e macramê com pedrarias (Figura 9). O trabalho com pedrarias rememora o fazer da minha mãe, com detalhes preciosos em cada peça que fazia. Um transbordar de amor, um transbordar de afetos e memórias.

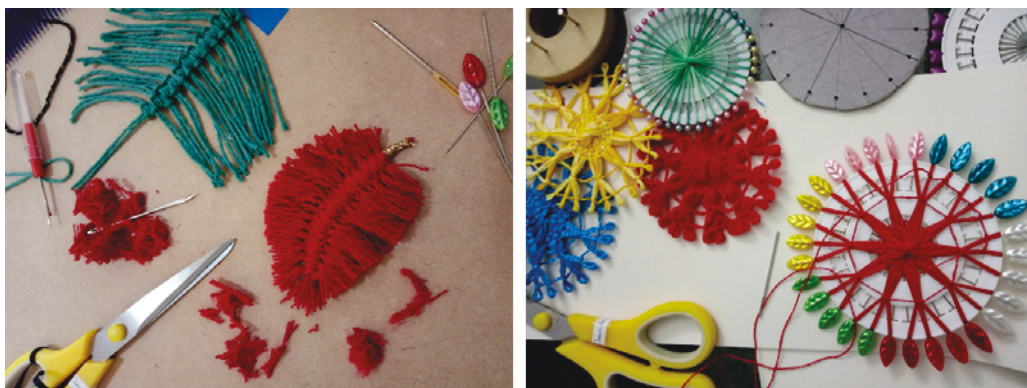


Figura 8 - Elementos têxteis construídos com macramê e renda Tenerife. Fonte: Arquivo pessoal.

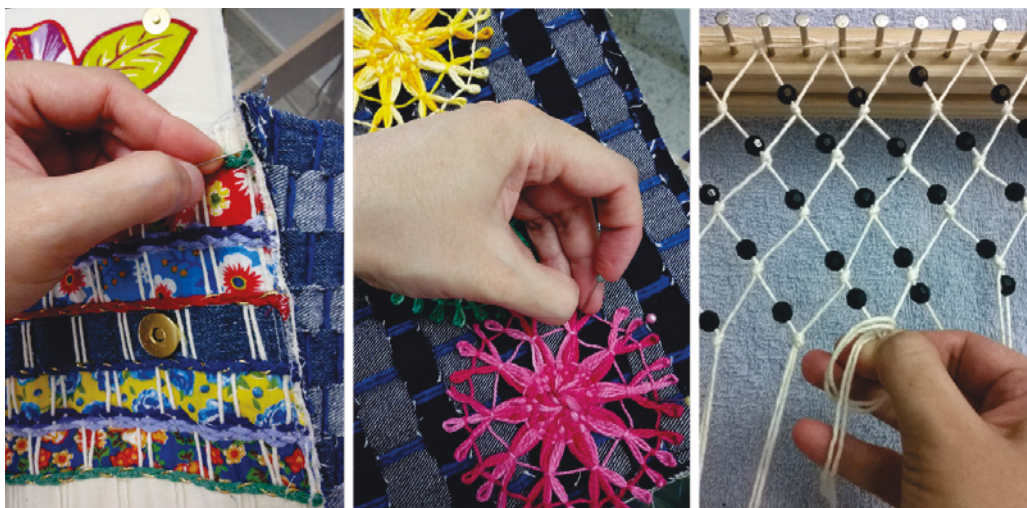


Figura 9 - Design de superfície com cordões artesanais e macramê com pedrarias.

Fonte: Arquivo pessoal.

As técnicas combinam o fazer e tecer manual, práticas essenciais no meu processo criativo. O tato, o contato com o material e com as ferramentas são fundamentais para despertar sensações e desenvolver a criatividade. Assim, a memória e o fazer manual têxtil são indissociáveis no desenvolvimento da minha poética narrativa.

Portanto, os têxteis resultaram em bolsas com características únicas, artesanais, com valor cultural e com uma carga identitária baseada em experiências e memórias pessoais, coletivas e familiares. O design de cada peça foi estruturado a partir dos princípios do design e as formas foram inspiradas em elementos arquitetônicos do Pelourinho e Quadrado de Trancoso na Bahia, em elementos culturais como as bandeiras juninas e colchas de retalhos, além da própria forma do tear artesanal – quadrado e retângulo. Assim, integram design, sustentabilidade e valor cultural. (Figura 10).



Figura 10 - Bolsas construídas com têxteis e técnicas artesanais. Fonte: Arquivo pessoal.

A tecitura do têxtil e a tecitura da vida se entrelaçam para registrar memórias. Cada detalhe do projeto remete a um momento, uma história, a uma memória. O têxtil é o veículo que carrega simbologias e significados das memórias minhas, suas, deles e nossas. Aqui é impossível separar a memória e o têxtil. São elementos que me complementam, que me narram e me estimulam.

Considerações finais

O trabalho com os têxteis remete aos entrelaçamentos da memória, ora retorcidas em um emaranhado de sensações, sobrepostas, impressadas a outras memórias, ora mais clara, com sentimentos mais equilibrados. O fazer manual possibilita uma imersão na memória e em sentimentos já adormecidos, é um mergulho que expõe o “eu” e apresenta novos significados de vida.

O processo de desenvolvimento dos tecidos em tear de pregos criou texturas diversas. O uso de retalhos, sobras de tecidos e barbantes, com textura, espessura e cores diferentes resultou em tecidos com características únicas e personalizadas para cada bolsa. Os resíduos coletados durante a tecitura no tear manual são

memórias do tecer que foram ressignificadas na construção de um novo tecido. A mistura de tecidos e o detalhamento das tramas acompanharam a riqueza das rendas, trançados e cores do artesanato do Nordeste, uma cultura rica em memórias. Assim, os têxteis artesanais passam a ser uma junção de sensibilidade e materialidade que transcendem o fator comercial e passam a ter um significado especial com valor cultural aportados em memórias.

Os tecidos e a coleção de bolsas desenvolvidas na pesquisa ressaltam o elo entre têxtil e memória, reforçando a importância do retorno às raízes da memória para trabalhar um processo criativo que entrelaça conhecimento, aprendizado e reinterpretações de lembranças, esquecimentos e histórias adquiridas ao longo da vida. Nesse processo algumas conexões, antes não percebidas ou mesmo esquecidas, vêm à superfície e alguns processos de redescoberta podem nos projetar para além do que prevíamos. Repassar uma história cultural e familiar me permite uma percepção ainda maior da base dos interesses em pesquisas e processos acerca dos têxteis, memórias e estudos entre artes, artesanato e moda.

Outro fator relevante no projeto é a escuta da memória do outro. Valorizar histórias, costumes, culturas e memórias dos indivíduos gera vínculos e significados relevantes para a compreensão do “eu” em todas as instâncias da vida. Afinal, coexistimos a partir das relações, nos constituímos com a interferência de memórias de outros. Os saberes tradicionais são repassados mediante uma troca de histórias, memórias e aprendizados que geram novas memórias, experiências e fortalecem a identidade cultural de um povo, abarcando novas gerações, mantendo laços sociais e constituindo vidas.

Os saberes e fazeres estão diretamente ligados à memória, à cultura e identidade de um povo. Fazem parte de uma memória coletiva que permanece viva por meio de sua disseminação entre povos e épocas. Assim como no fio do tear se constrói um têxtil, no fio das memórias se constrói uma história. Existe uma relação de dependência, o tecido precisa do tear, do ato de tecer para se constituir e uma história de vida precisa de memórias para existir.

Referências

ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção. **Perfil do setor**. 2020. <http://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ANDRADE, Mário de. **O artista e o artesão**. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, do Instituto de Artes, da Universidade do Distrito Federal em 1938. 16p.

ANICET, Anne; BESSA, Pedro; BROEGA, Ana Cristina. Ações na área da moda em busca de um design sustentável. In: COLÓQUIO DE MODA, 7., 2011, Maringá, PR. [Anais eletrônicos...]. Maringá: [s.n.], 2011. http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202011/GT11/GT/GT89897_Acoes_na_area_da_moda_em_busca_de_um_design_sustentavel.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

ARTESOL. Artesanato solidário. **Projeto Rede Artesol**. 2018. <http://www.artesol.org.br/novo/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRAHIC, Marylene. **A tecelagem**. Lisboa: Estampa, 1998. 192 p.

COLE, Ariane Daniela. O processo de criação artística e a constituição da cultura. **Revista Mackenzie de Educação, Arte e História da Cultura**, v. 5, n. 5/6, 2006. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/reahc/article/view/505>. Acesso em: 11 out. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LUCIETTI, T. J. et al. O upcycling como alternativa para uma moda sustentável. In: INTERNATIONAL WORKSHOP - ADVANCES IN CLEANER PRODUCTION NETWORK- ACADEMIC WORK, 7., 2018, Barranquilla, CO. [Anais eletrônicos...]. Barranquilla: [s.n.], 2018. http://www.advancesincleanerproduction.net/7th/files/sessoes/6A/3/lucietti_tj_et_al_academic.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2009. 328 p.

PONTIENS, Luiza. Os nós do macramê. **Instituto Urdume**. ago. 2019. <https://>

www.urdume.com.br/post/os-n%C3%B3s-do-macram%C3%AA. Acesso em: 29 jul. 2021.

RITA, Dora I. O. Forja. **Arte têxtil contemporânea e sustentabilidade**. 2016. 418 f. Tese (doutorado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.

RUBBO, Roberto. **Escultura de tecido: têxteis aplicados às artes visuais**. 2013. <https://audaces.com/escultura-de-tecido-texteis-aplicados-as-artes-visuais/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

ROCHA, Maria Diaz; QUEIROZ, Mônica. O significado da cor na estampa do tecido popular: a chita como estudo de caso. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., 2010, São Paulo. [Anais eletrônicos...]. São Paulo: [s.n.], 2011. http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202010/68848_O_significado_da_cor_na_estampa_do_tecido_popular_-_a_.pdf. Acesso em: 23 ago. 2018.

STELLING, Webber. Indústria Têxtil na Bahia: o apogeu no século XIX e as tendências atuais. **Cadernos de Análise Regional**, número especial, ago./2003, pp. 73-88. <https://docplayer.com.br/21128075-Industria-textil-na-bahia-o-apogeu-no-seculo-xix-e-tendencias-atuais.html>. Acesso em: 29 mar 2019.

Recebido 30 jul. 2021.

Aceito 01 set. 2021.



As obras deste periódico estão licenciadas com
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.